

Kadag e Lhundrub:

Texto da Iluminação da Sabedoria Primordial:

Lama: Vemos Darmata através das aparências;
vendo as aparências da base não contaminadas sem pensamentos, nos permite reconhecer a vacuidade e luminosidade como inseparáveis das aparências;
não temos como reconhecer as aparências e vacuidade como inseparáveis senão a partir da mente não condicionada;
quando eu começo a ver aquilo, descubro que tem essa base não condicionada e viro o olhar e olho dentro dela, e vejo que ela não tem nenhum conteúdo;
ainda assim, vejo que é espontaneamente presente, vazia de qualquer contaminação, kadag, lhungrub;
uso zangthal, que a partir desses dois aspectos, olho para toda a contaminação;
a contaminação penetra e vê a vacuidade luminosidade por todo lado;
essa lucidez é darmakaya, é o Buda;
darmakaya apresenta para nós darmakaya, que é a nossa base.
Isso é o final de Guru Yoga, a inseparatividade da mente do Buda com a nossa. Isso é o Heruka.

Texto: “A base amadurecida até o fruto, isso é mahamudra da fruição.”

Lama: Esse amadurecimento é essencialmente a familiarização. A base é essa clareza, é kadag-lhundrub, praticando zangthal. E com isso as múltiplas experiências vão amadurecer naturalmente, até o fruto, que significa o refúgio de Guru Yoga se completa, repousamos na segurança da base kadag, naturalmente surgida, lhundrub.

Texto: “O estado natural da mente está e sempre tem estado vazio, livre de quaisquer ideias conceituais de objetos percebidos ou sujeito que percebe, e primordialmente puro, além de palavras, pensamentos e expressão. Como a expressão natural de sabedoria de clareza e radiância incessantes, está espontaneamente presente como o grande senhor que permeia todo o samsara e nirvana.”

Lama: Então dessa base surge a multiplicidade de manifestações que aparece como samsara e nirvana.

Texto: “Essas duas qualidades que são a natureza primordial, Kadag e presença espontânea, Lhundrub.”

Lama: Kadag, o aspecto de espaço, como quem olha o espaço e nada vê, não tem um conteúdo, não tem pensamento de base; e a presença espontânea, Lhundrub, ou seja, essa condição lúcida, ela está ali, no passado, no presente e no futuro, não se desloca.

Texto: “Essa natureza primordial Kadag e a presença espontânea Lhundrub, sempre tem estado unidas no estado natural não condicionado. Essa sabedoria nua, surgida naturalmente (nua porque ela não tem um referencial, ela tem só abertura), que sempre tem sido clarificada como a realização

naturalmente presente de Darmata, (ele define Darmata), é a visão da grande perfeição além da mente ordinária.
Você precisa atingi-la reconhecendo-a tal como é.”

Lama: Então essa sabedoria nua é a visão da grande perfeição. Então nós estamos introduzindo a visão da grande perfeição, de ati yoga. Ele está dizendo que essa sabedoria nua, essa capacidade lúcida e vazia, que vê seja o que for, é Darmata.

Isso é o que dizemos aqui: lucidez nua e autossurgida. Essas são as duas qualidades de rigpa, de lucidez: Pureza Primordial e a Lucidez Nua, Espontânea, autossurgida.

Em tibetano, a pureza primordial é Kadag e a presença espontânea é Lhundrub.

Essas palavras são úteis porque neste ponto é importante ver como os textos originais descrevem. Kadag por vezes é descrito como vacuidade mas aqui é pureza primordial, sem conteúdo, natureza da mente livre, tem essa natureza de vacuidade. Se refere a qualidade da natureza primordial.

E presença espontânea, lhungrub, é o fato de que não encontramos nenhum tipo de origem ou outra coisa mais fundamental que propicie esse surgimento. É uma ação ou processo espontâneo.

Texto: “...sempre tem estado unidas inseparavelmente no estado natural não condicionado...”

Lama: Que é a mente primordial.

Texto: “...Essa sabedoria nua surgida naturalmente...”

Lama: Ou seja, Kadag e lhundrub.

Texto: “...que sempre tem sido clarificada como a realização naturalmente presente de Darmata...”

Lama: Então essa sabedoria de ver, reconhecer, tomar refúgio na natureza primordialmente pura, nua, sem conteúdo e na presença espontânea, naturalmente surgida, tomar refúgio nisso é guru ioga. Darmata é isso! É Kadag e Lhundrub.

Texto: “Tendo reconhecido diretamente darmakaya

Lama: Que nada mais é do que essa lucidez rigpa, grande e vazia, cognoscente, naturalmente surgida...”

Então vamos olhar de novo: ela é nua, portanto vazia, mas ela está viva, o observador está ali, claro. E tem a cognoscência correspondente, mas ele é naturalmente surgido - lhundrub. Não tem condicionantes - Kadag.

Agora ele está dizendo a palavra darmakaya, e ele usou Darmata antes. Então é uma lucidez Kadag, porque não tem nenhum condicionante para aquela lucidez. Kadag, grande vacuidade também.

Por que presença espontânea? Por exemplo, nós poderíamos pensar que essa vacuidade é viva, não surge de um outro elemento. Ela está presente. Ela simplesmente está presente. Então vamos chamar isso de presença espontânea. Esse é o aspecto absoluto no budismo. Não temos como recuar disso. Então nós vamos dissolvendo todas as aparências nesse elemento que é o elemento

secreto. O elemento secreto tem essa radiância que é essa presença espontânea e tem essa pureza primordial que é a ausência de conteúdo, abertura. Isso é a qualidade da nossa mente. Quando viramos e olhamos para a nossa mente, veremos a abertura e, ao mesmo tempo, consciência, essa clareza. Isso é chamado de Kadag enquanto pureza primordial e a presença espontânea é lhungrub.

Eu vou comentar muito brevemente aqui... Às vezes as linhagens discutem umas com as outras. Por exemplo, algumas linhagens dizem: ‘você descrevem até kadag, mas não descrevem Lhundrub. Se descreve até a vacuidade, mas é como se a vacuidade fosse um buraco, fosse vazia e nada houvesse ali. Aí se diz, na terceira volta do Darma se descreve lhungrub, ou seja, descreve que a vacuidade é plena de luminosidade e plena de lucidez

Por que é uma sabedoria nua? Porque não tem nenhum conteúdo, nenhuma elaboração, nenhuma palavra complicada, não tem nenhuma análise filosófica ou psicológica, não tem nada, não tem nenhum pressuposto. Você pára e olha. É isso? É. Elas “têm sempre estado unidas, inseparavelmente no estado natural não condicionado. Essa sabedoria nua surgida naturalmente.

Texto: “...que sempre tem sido clarificada como a realização naturalmente presente de Darmata”...

Lama: Darmata, quarto tempo, espaço, não se move, incessantemente presente, é o aspecto secreto. Dali brota o aspecto sutil e do aspecto sutil brota a aparência grosseira. “A sabedoria nua surgida naturalmente que sempre tem sido clarificada como a realização naturalmente presente de Darmata”, essa sabedoria direta sem elaboração.

Texto: “é a visão da grande perfeição, além da mente ordinária”.

Lama: A abordagem da grande perfeição, que é Dzogchen, é a visão de Darmata nas aparências. Começamos com o aspecto grosseiro, do aspecto grosseiro ao aspecto sutil, do aspecto sutil ao aspecto secreto, onde nós vamos encontrar a abertura e a luminosidade consciente.

Texto: “Trazer a visão ao coração através da meditação”.

Lama: Então ele aponta a experiência de Darmata, ele vai trazer essa expressão Darmata e eu vou apenas lembrar um outro aspecto: Eu estava trazendo aquele exemplo do espaço, do céu: nós olhamos o céu vasto, vamos tirando as coisas que vemos no céu e ele permanece vasto, então esse é o aspecto da nossa incessante presença. Na nossa mente nós temos esse aspecto, Kadag, a grande vacuidade, extensa, infinita. Ela é infinita no sentido de que não tem propriamente uma experiência de espaço, é simplesmente uma abertura, é vasta. Ela se relaciona justamente com a forma, porque nós podemos começar a ver conteúdos nesse espaço, pôr as estrelas, as nuvens, as coisas todas, mas as estrelas e as nuvens vêm e vão enquanto esse espaço está ali.

É interessante que nós tenhamos uma representação grosseira dessa experiência da mente. Não tem experiência grosseira que não tenha o nível sutil e o nível secreto junto, estão todas juntas, mas, por vezes, quando vamos descrever o aspecto secreto, o aspecto sutil, parece que não conseguimos ver direito. Então é interessante a experiência do espaço, o próprio Buda usa isso. Nós poderíamos pensar “bom isso é Dzogchen, mas o Buda usa esse exemplo nos sutras.

O Espaço e o Aspecto Secreto

Eu acho interessante isso, levou um tempo para eu poder entender o que ele queria dizer de fato com aquilo. Mas quando encontramos, aqui mesmo dentro da sala, daqui até a parede tem um espaço, então o que vemos, os objetos que vemos, produzem uma experiência grosseira e por isso

eu associo isso a um nível sutil e dou um significado para os objetos. Mas quando se olha daqui até lá tem espaço, ou seja, não tem nada. Se eu não tenho nenhuma experiência sensorial, eu descubro que tem alguma coisa presente na mente independente de um aspecto sensorial. Esse é o significado de espaço.

Quando o espaço se apresenta ele é, na verdade, uma experiência interna de existência de presença luminosa independente de qualquer sentido, de qualquer aspecto grosseiro, de qualquer coisa que movimente a mente. Esse é o ponto central para a experiência de darmata. E o Buda apresenta aquilo calmamente, fala daquilo e pronto. Aí no Dzogchen, se coloca isso de uma forma muito extraordinária. Mas, na verdade, nós tínhamos que escapar um pouco da sensação do aspecto grosseiro. Nós vemos o aspecto grosseiro porque estamos usando uma linguagem desse tipo, mas a experiência que esse aspecto grosseiro produz é uma experiência sutil e a experiência sutil, nesse caso, está sem conteúdo porque nós não estamos conseguindo colocar significado em coisa alguma, estamos simplesmente experimentando aquela abertura. Porque não tem conteúdo ali, aquilo já é diretamente o aspecto secreto também.

Esse aspecto secreto, inicialmente apenas para poder explicar melhor, é dividido em dois:

1

2

Essas explicações às vezes complicam um pouco porque eu divido em dois e depois eu junto, então parece que aquilo é dividido. Mas é como um diamante, você olha por um lado e vê uma coisa, você olha por outro lado e vê outra coisa, e todas as visões são, enfim, da mesma coisa. Então quando eu olho por um lado, eu vejo a ausência de conteúdo, o espaço é a ausência de conteúdo, grosseiro ou sutil. Aí quando eu vejo esse fato, eu teria que falar da luminosidade porque tem alguma coisa viva ali. Tem uma luminosidade, está vivo. Isso nós vamos chamar de lucidez, clareza, o aspecto cognitivo, cognoscente. Está vivo. Não é o fato de não ter nenhum objeto, que elimina o aspecto cognoscente, ele está vivo. É um atributo inerente à Darmata.

E o outro é a presença espontânea. Como aquilo vem? Existe alguma coisa anterior que produz isso? Aí nós vemos que não tem. Além do mais, não só não tem, como não flutua, não altera. Então a multiplicidade das experiências se dá sem que aquilo se altere, sem que essa abertura mude, por exemplo, na tela do céu podem aparecer muitas coisas, mas essa tela segue, ela segue presente, sem flutuar, sem nada. Por outro lado, a presença espontânea está ali, ela não flutua, está ali. E o aspecto vivo também está presente.

Texto: “...é a visão da grande perfeição, além da mente ordinária. Você precisa atingi-la reconhecendo-a tal como é.”

Lama: É a visão da grande perfeição além da mente ordinária. Quando olhamos as Aparências comuns, surge a mente ordinária, mas a mente ordinária tem, na sua sustentação, na sua base, essas qualidades.

Texto: “Uma vez que o pensamento do passado cessou, o pensamento futuro não surgiu e não há qualquer fabricação ou limitação no momento presente de lucidez.”

Lama: Então aquilo está presente mas não há uma sensação de que é uma presença que sucedeu alguma coisa, que antecede uma outra coisa. Não é um lapso, é uma base. Essa base ela substitui a sensação do samsara, que é um ponto interessante. Por exemplo, nesses dias estávamos trabalhando com a noção da bolha e a noção da mandala. Isso seria a descrição da mandala primordial, totalmente aberta, viva, sem tempo decorrendo. Então a noção da mandala de Samantabhadra como realidade, num certo momento, quando há uma maturidade da prática, ela substitui a experiência da

bolha, porque a experiência da bolha, quando nós falamos de meditação, é vista como aquela que antecede a meditação e sucede a meditação. Temos uma sensação que temos uma vida normal: se medita no tempo presente, depois tem o tempo posterior. Então ainda que eu medite no tempo presente, esse tempo presente é antecedido pelo passado e sucedido pelo futuro. Mas aqui nós estamos num tempo presente que não é antecedido pelo passado nem sucedido pelo futuro. Esse tempo presente é um tempo sem bolha, sem ignorância. Desse tempo eu posso criar aspectos artificiais que depois se dissolvem, mas eles não abalam esse tempo. Assim nós substituímos a noção do samsara por base, nós substituímos pela condição da mandala por base.

Então a prática é simplesmente é manter essa abertura que tudo penetra, que é a qualidade da consciência prístina vívida, só isso!. É uma característica fundamental da grande perfeição sustentar a abertura zangthal, reconhecendo de modo imediato e direto essa qualidade da consciência prístina viva.

Então, visão, e agora meditação. Meditação simplesmente é manter a visão. A base da visão é a consciência prístina vivida. Não tem uma sabedoria nisso.

Zangthal:

Texto: “Zangthal, reconhecendo de modo imediato e direto, essa qualidade da consciência prístina vivida”

“Mantenha-se natural, sem antídotos”.

Lama: Os antídotos são um obstáculo, porque uma vez que um obstáculo surge e puxamos um antídoto, damos solidez a uma construção, e uma construção dá origem a outra. Posso pensar que a coisa melhorou, mas eu tinha uma construção e agora tenho outra, ainda com o obstáculo que essa outra construção, eu vou considerar valiosa, vou guardar, não vou esquecer, eu preciso dela.

Texto: “que o tensionem ou o restrinjam, ou influenciado por objetos, sejam eles bons ou ruins, ou contaminado por apego, e sem sucumbir ao desejo de abandonar ou remediar, é uma característica especial de ati yoga, a grande perfeição, sustentar a experiência de abertura que tudo penetra,”

Lama: Tudo penetra em que sentido? Seja o que for que apareça, essa abertura absorve aquilo. Essa abertura que tudo penetra é chamada zangthal,

“Zangthal, reconhecendo de modo imediato e direto, essa qualidade da consciência prístina, vívida.”

Texto: “(...) mas simplesmente deixe-os como são na sua condição nua e assim eles liberam a si mesmos”.

Lama: Liberar a si mesmos significa olhar para eles e vê-los como o que são, ou seja, darmata.

Texto: “Mantenha-se natural sem antídotos que o tensionem ou restrinjam ou influenciado por objetos sejam eles bons ou ruins ou contaminado por apego, sem sucumbir ao desejo de abandonar algo ou remediar. É uma característica especial da Grande Perfeição sustentar a experiência da abertura”

Lama: Essa abertura é darmata - “que tudo penetra”. Porque qualquer aparência termina como sendo revelada como darmata. A abertura que tudo penetra em tibetano é Zangthal, abertura que clarifica seja o que for.